



«Esta animosa velhinha teve a coragem de começar vida nova aos 70 anos»

## Vovó triunfa em Hollywood

(Condensado da «Independent Woman»)

Por Frank J. Taylor

UM NOVO «ASTRO», embora de secundária grandeza, surgiu há pouco no já recamado céu de Hollywood: tenho a honra de apresentar dona Adelina de Walt Reynolds, velhinha de olhos vivos e azues, cabelo fofo de prata, que aos 80 anos viu baixar diante dela as pontes levadiças do castelo roqueiro do cinema. Vovozinha, que hoje vai nos 83, é o «ai-Jesús» da metrópole do celulóide animado. Nunca adocece, e chega sempre a horas no estúdio; decora os seus papéis mais depressa do que muita atriz jovem, é tão vivaz e jovial como um melro, e ganha um ordenadão. O cheque dos honorários chega-lhe, como é de lei, com um corte: é o desconto que lhe fazem para a pensão de reforma na velhice. E ela de comentar: «Reforma? Nem me falem! Idéia boba. A gente devia sempre reservar os melhores anos da vida para fazer o que sempre sonhou!»

Vovó Reynolds fez precisamente isso. «Para mim—diz-me ela—a vida recomeçou aos 70 anos.» Com efeito, nessa idade respeitável ela se diplomava com altas honras pela Universidade da Califórnia.

Nascida e criada numa fazenda do Iowa, segou o feno dos campos, mungiu

vacas, guiou cavalos de lavoura, fez em suma trabalhos de homem. Conseguiu finalmente convencer o pai a deixá-la frequentar uma escola preparatória, na próxima vila de Blairstown. Por sorte, conheceu alí um Frank Reynolds, por quem se apaixonou; e em breve os dois pombinhos batiam as asas...

Poucos anos passados, quando o jovem casal, já então com dois filhos, se mudou para Boston, a sra. Reynolds estudou arte dramática no Conservatório de Música e Eloquência da Nova Inglaterra. Alí produziu um dia uma leitura tão impressionante da *Twelfth Night*, que os seus mestres a remeteram a Bram Stoker, agente do famoso ator inglês Sir Henry Irving. Stoker lhe ofereceu um papel dramático, mas insistiu em que, se ela queria ser bem sucedida no palco, devia dar entrada numa companhia regular. E aconselhou mais a jovem atriz a confiar seus filhos a alguém que olhasse por eles.

Com essa enorme perspectiva ao alcance da mão, a sra. Reynolds resolveu criar primeiro os filhos—tarefa que, como se iria ver, havia de levar-lhe o melhor da vida. Em 1900, residindo então na Califórnia, a senhora Reynolds enviuvou, ficando a braços com a criação de quatro filhos, e sem recursos.



Para sustentar a família, aprendeu então estenografia e procurou emprego. Mas a resposta foi desconcertante: consideravam-na demasiado velha, aos 40 anos, para lhe dar trabalho!

Furiosa de se ver assim julgada, associou-se com uma amiga e abriu um escritório de estenografia pública em São Francisco. A freguesia acorreu, cresceu, e em 1906 a viuva Reynolds papava a derradeira prestação de uma casinha nova que comprara. Era o teto, o abrigo seguro. No dia seguinte, o tristemente célebre sismo e incêndio de São Francisco destruiu-lhe o escritório e a casa... Passou as duas semanas seguintes, acompanhada dos filhos, numa tenda do exército, nas faldas dos Twin Peaks. Tempos depois transferia os penates para Berkeley, onde abriu uma escola para secretárias, e dentro de poucos anos, à custa de trabalho, estava apta a comprar nova casa.

A vida correu, e a viuva Reynolds tinha 66 anos quando sua filha mais nova recebeu o diploma universitário. A boa senhora anunciou que era agora a sua vez de entrar para o *College!* E assim fez. Pagou todas as despesas dos seus próprios estudos fazendo cópias à máquina para os colegas, e em 1930 obteve o grau: era nessa altura meia dúzia de vezes avó... Mas não tardou a se inscrever num curso de arte dramática para post-graduados, e à custa de muito falar abriu caminho até as provas de admissão às classes do Professor Charles von Newmayer.

A prova consistia numa leitura de Shakespeare: leu *Twelfth Night*, como lera em Boston 40 anos antes—e foi um dos vinte candidatos aprovados para o curso de Newmayer. Para pagar as respectivas despesas, trabalhou durante dois anos como monitora de estudantes

de francês. Aos 72 obtinha o seu *Master's Degree*. Para adquirir experiência representou com as companhias populares de teatro ambulante, os *Community Players* de São Francisco e de Berkeley, e por volta de 1940 sentiu-se com forças para tomar de assalto Hollywood. Por ali andou de escritório em escritório, esperando que a incluíssem no elenco de alguma fita: «Ninguém tomava a sério a velhota!» diz ela entre risos.

Acabou por se dirigir à *Hollywood Assistance League Theater*, que já revelara muitos dos artistas de cinema mais apreciados. O «diretor» precisava de uma velha para tomar o papel de Hephzibah no drama *Landslide* e a vovó Reynolds fez tal barulho, que um «caçador de talentos» da M.G.M. foi dar parte da descoberta aos estúdios da sua companhia. E não tardou que ela fosse incluída no cartaz de *Come Live With Me* (Pede-se um Marido), no papel de avó, ao lado do James Stewart.

«Vovó, você nasceu pra isto!» exclamou o diretor, quando ela concluiu as primeiras cenas. Em breve estava encarnando nova personagem noutra filme *Shadow of the Thin Man* (A Sombra dos Acusados), com William Powell e Myrna Loy. Desde então a viuva Reynolds ainda não esteve desocupada mais de três semanas a fio. Terminada a filmagem de *Tuttles of Tahiti* (Os Tuttes de Taití) em que desempenhou o papel de mãe de Charles Laughton, este deu-lhe um abraço e segredou-lhe ao ouvido: «Vovó, tu és uma grande atriz!»

A sra. Reynolds confessa modestamente que tudo o que faz é ser sincera, ser ela própria. Sendo a menos «temperamental» das estrelas de Hollywood, só a uma coisa se opõe: as fitas pouco sau-



daveis. Repudiou um papel que lhe ofereciam em *Tobacco Road*, sob o pretexto de que seus netos não poderiam ver tal filme e dizer com orgulho: «Aquele é vovó!»

Vive num apartamento que mais parece um escritório, atravancado de arquivos, livros e papéis. Sentada em frente de uma máquina de escrever—no que é ainda um primor!—bate todos os dias pelo menos cinco cartas para os soldados com os quais sustenta uma animada correspondência.

Para se manter em boa forma física, Vovó exercita-se regularmente no Clube Atlético de Hollywood, para homens, que por concessão especial a considerou sócia, de modo a permitir-lhe ser assistida por seus mestres de esgrima.

Estava ela num cenário do estúdio, certa manhã, quando viu quatro homens deitados por terra, a empurrar penosamente as rodas de um automovel

a cujo volante ia sentado um velho ator que não sabia conduzir. Voltando-se para o diretor, Vovó disse: «Agora é que se vai ver como a velhota aprende a guiar automovel!» No dia seguinte começava as lições...

Vovó Reynolds recebe montanhas de correspondência dos seus admiradores, e o que mais a surpreende é que a maioria das cartas são de gente moça, que quer saber o segredo do vigor juvenil da que depois de ser velha foi atriz. A resposta dela é esta: «O que você precisa é de ter entusiasmo pelo que está fazendo no presente; desse modo se estará preparando para fazer algo de melhor no futuro. E isso não é filosofia que eu tenha surripiado de algum livro: cheguei a ela por minha própria experiência, e sei que esse é o segredo da perene juventude. Desde que fiz 50 anos que venho rejuvenescendo...»



*Corey*

### Ao gosto do freguês

UMA senhora que conduzia um auto parou a certa esquina diante de uma luz vermelha. Quando a luz verde abriu, ela continuou parada. Acendeu segunda vez o vermelho e depois o verde, e como a dama se não mexesse do lugar, o agente do trânsito chegou-se para o carro e disse com toda a delicadeza: «E então, minha senhora, não lhe agradam as cores que nós usamos?»

—Sid Ascher, na *Caravan*

\*

AS PESSOAS que hoje vivem nas grandes casas de apartamentos da América estão tão habituadas à falta de pessoal de serviço, que já nem reparam nela. Um amigo cá de casa, precisando de subir ao 15.º andar, tomou um elevador pilotado por um velhote de grandes bigodes, que devia ter muito pouca experiência daquele serviço. A certa altura, depois de várias tentativas infrutíferas para deter o ascensor no desejado andar, o velhote largou mão dos comandos, e disse ao passageiro boquiaberto: «Vá, cavalheiro; agora o senhor experimenta!»

—*New Yorker*